



Declaração da Rede Europeia de Mulheres Migrantes sobre a invasão da Ucrânia pelas forças armadas russas

No dia 24 de fevereiro de 2022, o mundo acordou com a notícia chocante da invasão da Ucrânia por Putin. Após oito anos de conflitos nas regiões de Donetsk e Luhansk, cerca de 3 milhões de pessoas já se encontravam numa situação catastrófica, lutando para ter acesso às suas necessidades básicas, vivendo com medo e incerteza. A pandemia da COVID19 juntou-se a este caos, sendo que agora, a invasão e a guerra tornaram a situação ainda mais desesperante. De acordo com o ACNUR, mais de 368 000 pessoas, a maioria mulheres e meninas, estão em fuga. Sabemos que, em tempo de guerra e de conflitos, os civis, especialmente as mulheres e as meninas, correm riscos diretos e pagam um preço elevado: serão violadas e vítimas de tráfico, uma vez que, durante a guerra, a violência sexual é uma forma sistemática de mostrar e ganhar poder. Durante os últimos grandes conflitos armados na Europa (as Guerras Jugoslavas), assistimos à violência sexual generalizada e ao abuso das mulheres. Temos todas as razões para crer que a situação na Ucrânia não será diferente.

Sabemos que, à medida que o conflito armado se intensifica, as mulheres migrantes e requerentes de asilo continuarão a ser alvo de traficantes e abusadores, e o número de mulheres ucranianas prostituídas na Europa continuará a aumentar. *Tags* como “Ucrânia” e “meninas ucranianas” já estão a proliferar em sites de pornografia, e vemos compradores de mulheres na prostituição a regozijarem-se com a guerra na Ucrânia porque vai levar mais mulheres e meninas a este violento sistema.

Como a economia ucraniana está a degradar-se devido à guerra, é incerto o que acontecerá às mulheres ucranianas grávidas que dão à luz bebés para casais estrangeiros abastados, ao abrigo de contratos de barrigas de aluguer. Muitas destas mulheres já têm filhos e não podem fugir do país, mas mesmo que pudessem, mudar-se para o estrangeiro invalidaria os seus contratos de barrigas de aluguer. Uma empresa de maternidade de substituição baseada em Kiev já sequestrou as mães de aluguer e os seus recém-nascidos num abrigo antibomba, continuando, ao mesmo tempo, a licitar na internet os corpos das mulheres como se fossem mercadorias, divulgando fotografias juntamente com a afirmação “Make Babies Not

War”. Entretanto, outras mulheres foram convidadas a deixar o país para passar a gravidez noutra lugar. Seja qual for o caso, estas mulheres estão a ser privadas de liberdade de movimentos. Embora as autoridades estrangeiras se tenham manifestado em prol dos “clientes” que recorrem às barrigas de aluguer, não foi expressada qualquer preocupação relativamente às mulheres ucranianas exploradas na indústria das barrigas de aluguer, nem às escolhas impossíveis que enfrentam atualmente.

As migrantes ou requerentes de asilo ucranianas continuarão a ser alvo de traficantes e abusadores à medida que o número de mulheres ucranianas prostituídas na Europa continua a aumentar exponencialmente. Na Rússia, as mulheres que protestam contra o uso da força pelo próprio governo serão presas enquanto os muitos homens no poder continuarão a tomar decisões beligerantes. O mundo está a assistir e a sustentar a respiração. Os meios de comunicação em todo o mundo falam de guerra, ações económicas e militares, armas e impacto geopolítico. Os jornalistas falam de finanças e quebras de mercado, dinheiro, território e poder. Aquilo de que eles não falam, ou pelos menos não o suficiente, é das mulheres e meninas que passam por dor, sofrimento, violência e desgostos. Temos o dever de não as esquecer: as mulheres em todo o lado são as primeiras sacrificadas quando há uma crise.

Exortamos a comunidade internacional a levar em consideração as mulheres e meninas no terreno, bem como as que fogem para os países vizinhos, a pensar para além das sanções e a tomar as medidas necessárias para as apoiar tanto na Ucrânia como nos países para onde fogem. Apelamos à monitorização da aplicação do direito humanitário internacional e recordamos que, de acordo com a Quarta Convenção de Genebra e o Protocolo Adicional I¹, as mulheres e as crianças devem ser protegidas contra a “violação, prostituição ou qualquer outra forma de violência”.

Apelamos às ativistas feministas e ativistas dos direitos das mulheres para que falem, exponham e documentem, para que apoiem as mulheres e meninas da Ucrânia. É a nossa maior responsabilidade perante o militarismo e a guerra.

¹ Quarta Convenção de Genebra, Artigo 27, segundo parágrafo (ibid., § 1556); Protocolo Adicional I, Artigos 76-77 (adoptado por consenso) (ibid., §§ 1560-1561).

A Rede Europeia de Mulheres Migrantes (ENoMW) é uma plataforma feminista, laica, liderada por mulheres migrantes, não filiada a nenhum partido político, que defende os direitos, liberdades e dignidade das mulheres e meninas migrantes, refugiadas e pertencentes a minorias étnicas na Europa.

www.migrantwomennetwork.org | Twitter @ENoMW | FB @migrantwomeneurope |
Insta @migrantwomennetwork | info@migrantwomennetwork.org